

A crise da Universidade pública brasileira, conseqüência da ininterrupta privatização do Estado, não impediu que esta sobrevivesse com forte capacidade criativa, apresentando soluções e caminhos tanto para ela própria, Universidade, quanto para a sociedade que a mantém. Assim, a despeito do declínio das condições de trabalho e da corrosão salarial, os profissionais vinculados à Universidade pública e com ela comprometidos souberam, no fundamental, preservar seu valor como instituição destinada à produção do conhecimento e à formação de jovens profissionais através do ensino, da pesquisa e da extensão.

Porém, a despeito da resistência que a Universidade como um todo se viu obrigada a fazer, no sentido de evitar sua privatização e conseqüente submissão absoluta à lógica do mercado, é verdade que quando a crise se mostrou aguda, a partir de finais da década de 1980 e início da seguinte, o ensino e a pesquisa já se encontravam consolidados. Coube, portanto, à extensão universitária a difícil tarefa de procurar sua consolidação em meio à crise vivida. Esta peculiar situação foi, por um lado, prejudicial e, por outro, contraditoriamente, vantajosa para os que atuavam e atuam nas atividades extensionistas. Se, já consolidados, o ensino e a pesquisa lutaram para manter e aprimorar seus padrões de excelência, a extensão se viu impelida a buscar reconhecimento acadêmico em meio à própria crise vivida. Dentre os desafios vividos pela extensão universitária, vale destacar a hercúlea tarefa de superar o senso comum que identificou extensão com paternalismo, como se fosse obrigação da Universidade substituir o Estado naquilo que ele não faz. Esta perspectiva vulgar das atividades extensionistas, diga-se, era, e ainda é, compartilhada por parcela significativa da população universitária. Para muitos, ela representa o *mea*

culpa de uma instituição que, por natureza e origem, é elitista. Assim, o fazer bem aos pobres era entendido (e em parte continua sendo) como o melhor caminho para isentar a Universidade de seus males.

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidade Públicas, criado em 1987, tem procurado superar a perspectiva equivocada que indicamos acima, apontando para formas de consolidação das ações extensionistas com teor por excelência acadêmico. Neste sentido, foram definidas as seguintes áreas temáticas sobre as quais um trabalho de extensão deve se inserir: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho. Trata-se, como se vê, de uma perspectiva profundamente interdisciplinar. A razão desta interdisciplinaridade está na própria metodologia da extensão, obrigada que está a procurar a produção do conhecimento acadêmico através da interlocução permanente com a sociedade que, embora mantenha através de suas contribuições a Universidade, não estabelece com ela vínculos formais. E é também nesta relação de proximidade com parceiros externos que, mantendo o seu perfil eminentemente público, a extensão tem procurado obter apoios e parcerias para que ela – a extensão – se realize com qualidade. A busca por financiamentos para projetos de extensão, entendida como uma das formas de estabelecimento de parcerias, não deve submeter a Universidade às determinações exclusivas do mercado e nem tampouco impedir que ela supere uma concepção eminentemente estatista, que a isola do mundo real e a confina aos limites estreitos de seus próprios muros.

A UERJ, embora tenha, desde suas origens, desenvolvido atividades de extensão, ape-

nas criou sua Sub-Reitoria de Extensão e Cultura em julho de 1995, em substituição à anterior Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários. O desenvolvimento das atividades extensionistas tem possibilitado a formação de alunos, o aperfeiçoamento profissional de professores e o envolvimento da sociedade civil. Poucas Universidades no Brasil possuem um número expressivo de Bolsas de Extensão como a UERJ, que hoje contabiliza o montante de 420 bolsas envolvidas em 331 projetos de extensão. Além do esforço para que a extensão seja progressivamente reconhecida como uma das formas fundamentais de ação da Universidade, a UERJ tem também procurado participar das atividades dos debates e resoluções do Fórum Nacional acima citado. A presente Revista, surge, assim, da conjugação de esforços daqueles que desenvolvem projetos de Extensão nas 29 Unidades Acadêmicas da UERJ, com o contributo dos diversos parceiros das Universidades Públicas que nos influenciam e por nós são influenciados. Sendo uma Revista do Departamento de Extensão da UERJ, não será, sob qualquer hipótese, um porta-voz de suas opiniões, mas um lugar necessariamente de polêmica e opiniões diversas, como requer o espírito necessariamente crítico do fazer universitário. Por este motivo, procuramos incluir, em seu corpo de pareceristas, professores das mais diversas Universidades brasileiras, bem como interlocutores da sociedade civil.

No presente número, inaugural, trazemos dois artigos. O primeiro, das professoras Luciana Castro, Coordenadora de Projetos e Programas de Extensão do DEPEXT/UERJ, e Sônia Mendes, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ e membro do GT de Avaliação do Fórum Nacional, procura discutir as formas e problemas decorrentes da avaliação nas atividades extensionistas, por certo muito diversas das formas e métodos utilizados para avaliar o ensino e a pesquisa. O segundo artigo, de Rosa L. S. Soares, da Universidade Federal Fluminense, procura refletir acerca das proximidades e distanciamentos da pesquisa e da extensão, demonstrando a inexistência de um absoluto hiato entre um e outro olhar conforme se pretendeu crer por longo período.

Os nove relatos de experiência seguintes expressam a natureza já citada da extensão, o contato e, mais que isso, a troca permanente com a sociedade civil. Os relatos de experiência procuram evidenciar o processo de ensino e aprendizagem que Universidade e parceiros adquirem com constância. O mestre e o aprendiz, nestes casos, são, muitas vezes, difíceis de serem percebidos. Vale destacar também o perfil interdisciplinar expresso nos relatos, condizente com as diretrizes anunciadas pelo Fórum Nacional e já citadas acima.

A resenha de um importante livro sobre a experiência extensionista no Brasil evidencia a riqueza deste tipo de atividade universitária no país. Em todos os números da Revista *Interagir* haverá ao menos uma resenha de trabalhos e/ou projetos de extensão, de modo a evidenciar não apenas a grandeza das ações universitárias, como também da literatura sobre o tema.

Por fim, a entrevista com um parceiro externo procura dar visibilidade ao olhar do outro. Ao olhar daquele que é a razão de existência da atividade de extensão.

O primeiro número da Revista *Interagir: Pensando a Extensão* é, ao mesmo tempo, um orgulho e um desafio. É um orgulho posto que é fundamental à existência de um lugar onde a extensão seja o foco privilegiado de análise e reflexão. Mas é também um desafio, não só pelas dificuldades inerentes à edição de uma revista, mas também pela combinação do desejo e da pretensão de que ela venha a se tornar uma referência de qualidade nos círculos universitários e mesmo fora deles. Quanto ao orgulho, só nos resta saboreá-lo. Quanto ao desafio, estamos dispostos a enfrentá-lo com coragem e determinação.

Francisco Martinho
Membro do Conselho Editorial e Diretor
do Departamento de Extensão